Revista COOPEX (ISSN:2177-5052)

Eu homem, as lágrimas que choro ninguém as vê

I man, the tears i cry no one sees

Joalison Duarte Figueiredo[1]
Airton Gabriel Santos Grangeiro Mirô[2]
Maria Helem Ferreira Monteiro[3]
Kassandra Campos de Oliveira[4]
Anderson Alexandre de Araújo Sá[5]
Yasmim Custódio Santos[6]
Lúcia Maria Temóteo[7]

RESUMO: Este artigo objetivou analisar as percepções de estudantes de uma escola pública localizada no sertão paraibano acerca da masculinidade. Utilizou-se para elemento de discussão o documentário O Silêncio Dos Homens, produzido pelo canal "Papo de Homem" disponível no YouTube que apresenta uma série de questionamentos em torno da temática. Tratou-se de um estudo qualitativo, de ação-participante e caráter exploratório, em que o assunto foi discutido com estudantes do 3.º ano do ensino médio por meio de um encontro através da plataforma Google Meet, após a exibição de parte trechos do documentário. As falas dos sujeitos foram tratadas com base na Análise de Conteúdo de Bardin, do tipo categorial-temática, considerando as etapas de organização, codificação e categorização dos dados textuais. Desta forma, foram ressaltadas as categorias como: o conceito de homem; aos homens a proibição do afeto e o racismo estrutural na masculinidade negra.
Palavras-chave: Homens; masculinidades; estudantes; masculinidade negra.

ABSTRACT: The present article aimed to verify the main clinical manifestations of patients, highlight the necessary tests, as well as the appropriate treatment and list the differential diagnoses. This is an integrative literature review, where studies published between 2017-2021 were included, through the Scopus and Pubmed databases. The descriptors: "Aseptic Meningitis", "Systemic Lupus Erythematosus", "Symptoms", "Diagnosis" and "Treatment" were used. After the inclusion and exclusion criteria, 10 studies were selected to compose the present study. It was verified that this research responded to the established objectives, where it was possible to identify the main clinical manifestations, exams, treatment, and differential diagnoses. The academic findings showed that the most frequent causes of aseptic meningitis are systemic inflammatory diseases, drugs, and cancer. The etiology of SLE is unknown; however, evidence is believed to implicate genetic, hormonal, and environmental factors. It is noted that the predominance is in female patients, disease onset before the age of 40, with an individual or family history of autoimmune diseases. The main clinical features are: Neuropsychiatric depression, psychosis, seizures, kidney disease and skin lesions. Diagnosis is made by a complete examination of the cerebrospinal fluid.
Keywords: Men, masculinities, students, affection, black masculinity.

DOI: 10.61223/coopex.v14i1.877

[1]Graduando em Psicologia pelo Centro Universitário Santa Maria, joduarte797@gmail.com;
[2]Graduando em Medicina pelo Centro Universitário Santa Maria; airtongabriel@gmail.com;
[3]Graduanda em Psicologia pelo Centro Universitário Santa Maria; ferreirahelem04@gmail.com;
[4]Graduada em Psicologia pelo Centro Universitário Santa Maria; kassandraoliveira13@hotmail.com;
[5]Mestrando em Psicologia da Saúde pela Universidade Estadual da Paraíba; andersonalexandrearaujo@outlook.com;
[6]Graduanda em Psicologia pelo Centro Universitário Santa Maria; yasmimsantoscustodio@gmail.com;
[7]Docente no Centro Universitário Santa Maria; luciatemoteo@gmail.com;

INTRODUÇÃO

Desde a infância, os homens são criados para agir com insensibilidade e violência, em contraponto a qualquer emoção positiva que os levem para fora da heteronormatividade. Ao se distanciarem dessas emoções, socialmente consideradas femininas, eles podem adoecer, também eles podem representar perigosos potenciais na relação com as outras pessoas, especialmente com as mulheres. Pode-se dizer que a masculinidade, na maioria das vezes, é performada de maneira quebradiça e disfuncional. (MESQUITA, 2021).

A masculinidade hegemônica impõe aos homens manterem-se como líderes e protagonistas nas mais diversas esferas sociais e privadas, garantindo, como se natural fosse, os privilégios apenas pelo fato de serem homens. Percebe-se que a manutenção dessa realidade leva os homens a permanecerem oprimindo as mulheres, sendo, também, ele própria vítima, enquanto a privação de sua expressão emocional também o faz refém de uma subjetividade limitante e castradora. Essa estrutura, frágil e obsoleta, segrega e infringe violação de direitos das mulheres e outras minorias. (FALCÃO; MACEDO; KURTZ, 2021).
Apesar de muitos homens, nas últimas décadas, engajarem-se em movimentos de reflexão a respeito da masculinidade e de entenderem a necessidade de mudanças de concepções, posturas e da própria estrutura da hegemonia masculina, a discussão dessa problemática permanece inexpressiva. É urgente levar essa temática de forma pluralizada, para o interior das universidades, mas, sobretudo, extrapolar os seus muros e atravessar setores da sociedade, particularmente as escolas de ensino fundamental e médio, lugares pujantes de construção de subjetividades.

Este artigo é o resultado de um trabalho desenvolvido numa escola de ensino médio em que foi utilizado o documentário “O Silêncio Dos Homens” (2019). O documentário, produzido pelo canal “Papo de Homem” no YouTube, expõe como a categoria masculinidade atravessa o imaginário coletivo, direciona o comportamento e influência o processo de autoimagem dos meninos até a idade adulta. Baseado em uma pesquisa com mais de 40 mil participantes, o documentário identifica, mediante a relatos, a lacuna comunicacional que a maioria dos homens enfrenta ao expressar seus afetos. A produção percorre caminhos sensíveis da subjetividade dos participantes, provocando o debate e expondo a emergência em romper o silêncio que sucedem nos homens.

Assim, o objetivo deste artigo foi analisar a percepção de estudantes de uma escola pública localizada no sertão paraibano, a partir da discussão do referido documentário, que buscou responder às seguintes questões: como os estudantes de ensino médio percebem a masculinidade e como se dá o processo de construção identitária dos homens?

METODOLOGIA

Tratou-se de um estudo qualitativo, de ação-participante e caráter exploratório. Tal perspectiva possibilita que suas práticas ocorram de maneira flexível e dinâmica, podendo ser semiestruturadas ou não, com enfoque no levantamento de questões, de modo a estimular o lugar de fala dos sujeitos a partir de suas vivências, promovendo conclusões e resultados mais profundos acerca do tema, envolvendo os sujeitos com o problema (ANDRADE, 2017).

Sendo assim, a pesquisa, que aconteceu com estudantes do 3.º ano do ensino médio, de uma escola pública, localizada no município de Cajazeiras – PB, foi realizada após a aprovação do Comitê de Ética. Inicialmente os pesquisadores convidaram todos os alunos da turma para participarem do trabalho; e, no dia determinado, compareceram três alunos e um professor da turma.

A coleta de dados consistiu nas falas dos participantes suscitados após a exibição do documentário O Silêncio dos Homens (2019). O encontro ocorreu de forma remota, por meio do *Google Meet.* Por se tratar de uma pesquisa-ação, os próprios pesquisadores provocaram a discussão em torno de alguns dos temas abordados no documentário, que foram: O que é ser homem? Como ocorre a educação sexual transmitida pela família, escola e sociedade de forma geral aos homens e para às mulheres? O que pensam sobre a masculinidade negra?

Após transcrição dos relatos dos participantes, foram criadas categorias conforme as suas respostas seguindo os princípios da análise de conteúdo de Bardin, do semelhante à categoria temática. Este procedimento pode ser realizado mediante entrevistas, observação participante e documentos, ou seja, mediante dados qualitativos coletados e a análise é feita por três etapas. Primeira etapa: Organização, por meio desta ocorre toda a seleção do conteúdo coletado, aquilo que vai ser ou não utilizado; Segunda etapa: a codificação ou unidade de registro, sendo o que vai ser analisado na unidade de contexto da pesquisa; Terceira etapa: a categorização, é a junção dos resultados depois do levantamento organizado em categorias, agrupando-se por significados semânticos, sintáticos, por expressões, ou seja, conforme se manifestam ou se relacionam no texto (BARDIN, 2015).

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Como dito anteriormente, estavam presente no momento da coleta de dados, 3 alunos e um professor. A fala do professor não foi considerada para a análise nesse trabalho, pois o intuito da pesquisa foi ouvir as considerações dos alunos. De princípio cabe a observação de que embora uma turma convidada para participar do encontro seja em torno de 35 alunos, apenas 3 alunos comparecerem. As razões podem ser diversas, mas não se pode abandonar a possibilidade também da resistência e desinteresse na discussão de um tema ainda negligenciado no meio escolar. Entretanto, o ineditismo da discussão e o número reduzido de alunos não impediu uma profícua discussão e o levantamento de um rico material passível de análise.

Outra observação que complementa a primeira: as três pessoas participantes se mostraram abertas e questionadoras a respeito da masculinidade hegemônica, certamente por isso se propuseram a comparecer. Duas pessoas participantes se declararam do gênero masculino e a outra não-binária, contudo, propositadamente não houve a preocupação dos autores em distingui-las nas falas a partir do gênero. Os nomes das três participantes aparecem aqui como Exú, Iemanjá e Ogun. Das falas emergiram as seguintes categorias que passamos a discutir: o conceito de homem; aos homens, a proibição do afeto e o racismo estrutural na masculinidade negra.

O conceito de homem

Segundo Exú, o homem é aquele que trabalha conforme a determinação da sociedade, sendo este o provedor do lar, aquele que “coloca dinheiro para dentro de casa”, que não demonstra fragilidade, performando o estereótipo de “fortão” e "macho", que tem vergonha de seus sentimentos.

> Porque assim, na sociedade, o homem é o que trabalha, que coloca dinheiro para dentro de casa, que nunca chora. Para mim, o homem, é meio difícil de explicar, mas é uma parte muito importante na sociedade tanto como a mulher é, que pode ter muitas funções. Não só de ser o cara machão que traz dinheiro para dentro de casa, mas que tem muitas funções (Exú).
>
> [...] ter vergonha de falar o que sente, se sentir mal e parecer frágil” (Exú)

A construção da ideia de ser "homem", historicamente, consiste em determinações e funções sociais baseadas no gênero. Castro (2018) afirma que o entendimento de igualdade e liberdade se dá, principalmente, pela noção de igualdade e liberdade masculinas, sendo assim, os homens são livres e iguais quando há subordinação de uma mulher a eles. Dessa forma, a fraternidade tem como base a lógica de "homens provedores" e "mulheres submissas", cabendo ao homem o sustento da família; já a mulher, deve sanar as necessidades do seu provedor.

Os homens, em sua maioria, não demonstram seus próprios sentimentos, não conseguem falar sobre suas dores, suas amarguras, seus pensamentos, de medos mais recônditos com as pessoas com as quais convivem, seja os amigos ou família. Expressar afeto revela algo que não deve ser exibido pelo homem, visto que ele associa a manifestação de afeto à fragilidade, à passividade, que lhe causa vergonha, desconforto e o remete à temida feminilidade. Essas particularidades devem ser abolidas e são negadas no processo de construção social da identidade dos homens. Há um esforço para se manter na produção de um discurso em que se naturaliza características de agressividade e necessidade sexual como justificativas para atitudes masculinas.

Seguindo nessa linha de reflexão, é evidente e temerário a ideia biologizante do sexo, na concepção de que atitudes masculinas e femininas se fundam no instinto, argumentando ser natural, é instintivo a heterossexualidade, por exemplo. Um discurso amplamente utilizado por grupos religiosos e neofascistas para justificar a dominação masculina. O que foge a essa determinação deve ser abominada, repelida, vigiada, perseguida e que deve ser corrigida. Mesquita e Corrêa (2021, p. 3), ao referirem-se a Freud, o pai da psicanálise, dizem que "desde seus primeiros escritos, nos mostra que a pulsão faz torções naquilo que seria da ordem do natural". Ao contrário de colocar a sexualidade como instintiva, a psicanálise desmascara tal naturalidade, e, ao desenvolver o conceito de pulsão, coloca a sexualidade na dimensão do desejo.

Para Hooks (2004), a expressão masculina se limita, em boa parte de suas realizações, a um desempenho de gênero, onde o indivíduo deve "podar" seus trejeitos para não serem percebidos pela sociedade como uma expressão afeminada ou homossexual. Logo, esse feitio gera uma frustração em ser incapaz de alcançar essa liberdade de comunicação, gerando assim, um comportamento violento especialmente direcionado às minorias sexuais.

Troca afetiva entre os homens – o proibido

Em 1935, a antropóloga Margaret Mead desenvolveu um estudo que desnaturaliza os papéis de gênero, intitulado “Sexo e Temperamento em Três Sociedades Primitivas”, destacando os resultados das influências culturais na formação dos papéis de gênero a partir da observação de três povos primitivos da localidade da Oceania. Com esse estudo, provou-se que a ideia de masculinidade era delimitada por características locais, como o caso dos povos Tchambuli que viviam nas regiões perto de lagos. Ao observar esses povos, notou-se uma inversão de papéis comumente vista, os homens tinham sua maior preocupação voltada para o cuidado com a beleza e mostravam-se ligados às causas emocionais. Entende-se que a ideia de gênero atua em divisões que qualificam graus de lideranças entre homens e mulheres. (BOGÉA; NUNES, 2022).

Ao longo da conversa, os participantes foram instigados a responder: o que seria o silêncio entre os homens, significando, na maioria das vezes, os homens sofrerem calados? A opinião dos três participantes está sintetizada na fala de Iemanjá.

> Acontece por causa da forma que a sociedade força o homem a ser, não pode chorar e sempre precisa ser ‘fortão’ e ‘macho’ não pode ter sentimentos (Iemanjá).
>
> [...] meu amigo [...] quando algo acontece com ele vem me contar, mas demorou muito tempo, então é sempre isso, a visão do que normalmente, pelo menos na minha visão, ele está preocupado, com que o outro homem vai ver dele, o homem que ele se inspira, mais forte, não posso chorar na frente dele, o cara é bonito, faz isso e aquilo, não posso chorar na frente dele, se não vou demonstrar que sou inferior a ele, então se guarda e acaba desenvolvendo uma depressão ou uma crise de raiva (Iemanjá)

Relacionando o estudo de Margarete Mead com a fala de Iemanjá, percebe-se que as características que formam o comportamento superestimado masculino é construído por meio da cultura em que o indivíduo está inserido.

Iemanjá, ao referir-se a uma de suas experiências com amizades, falou da dificuldade de um amigo em falar de si, de externalizar as experiências, certamente, lancinantes e inexplicáveis, mas que por vezes o procurou para desabafar. Uma pergunta se impõe aqui: a dor do homem condenada ao silêncio para onde vai? Talvez a resposta esteja no número de suicídio de homens, no feminicídio cometido por eles, nas violências de toda a natureza, inclusive na brutalidade sexual de muitos deles. Evidentemente essa não é a única explicação, mas é um elemento que carece de atenção e estudo. A possibilidade em demonstrar sentimentos também é reprimida na relação com outros homens e essa retração pode gerar neles uma forma de tristeza patológica ou picos de raiva intensa.

Segundo Bola (2020) a contenção dos sentimentos pelos homens deve ser uma questão de saúde pública. O autor aponta que um homem que se limita em sua liberdade de sentir, pode apresentar sintomas patológicos de fúria intensa, depressão, ansiedade e suicídio. Esse modo do homem se enxergar enquanto figura de poder foi assaz reforçado pelas brincadeiras ao longo da infância e juventude, em tom de agressividade e de contato físico hostil. As relações mais afetuosas e acarinhadas dos homens entre si, são desautorizadas.

Na verdade, há múltiplas masculinidades, entretanto, todas emergem de diversos costumes sociais e culturais em diferentes realidades geográficas, geralmente, ainda e lamentavelmente, as sociedades formam indivíduos prepotentes e sentenciados a agir conforme o padrão esperado.

Iemanjá destaca, ainda, que as trocas afetivas entre os homens são marcadas por atitudes de "zoar" (uma gíria que aqui significa troçar com o outro) o outro homem. Os homens, precisam suportar, aceitar as "brincadeiras" e "piadas", sofrem calado, para que a sua masculinidade seja validada. De acordo com Oransky e Fisher (2009), a provocação social é um fator que está relacionado aos momentos de "zoação" entre os homens, caracterizado pela capacidade de exigir do outro, seus amigos, a resistir diante destas provocações, funcionando como uma associação positiva no desenvolvimento da masculinidade.

O gênero é formado de acordo com fatores culturais ao longo da historicidade vivida pelo humano. Portanto, à medida que a cultura ultrapassa gerações, a concepção de gênero também é modificada. Isso é refletido na construção social do papel atribuído à figura masculina, reforçando um comportamento contrário ao feminino, como se fossem seres antagônicos. Se a ideia de gênero é modificada com o passar do tempo, a categoria da masculinidade também, e é o que leva a muitas pessoas, sejam elas pesquisadora ou não, a criticarem a masculinidade tradicional. Essa ideia de masculinidade ideal é sustentada não só por construções enraizadas culturalmente, mas também por meios midiáticos (CONNELL, 1995).

Questionou-se como os participantes enxergavam a educação sexual entre os homens:

> [...] na minha educação, de acordo com o que aconteceu no meu cotidiano, o homem é meio ''esculhambado'' ele chega, ele quer esbanjar, tipo ''olha o tamanho da minha ...'' porque nós aprendemos as coisas sozinhos, bom... alguns de nós não tem coragem de chegar no pai, para chegar e perguntar coisas nesse sentido, é tipo... dependendo da pessoa o pai pode ser homofóbico e chegar para perguntar algo, ele pode achar que sou homossexual (Iemanjá)

A declaração de Iemanjá remete a uma espécie de necessidade do homem de autoafirmação de preceitos atribuídos à figura do homem "machão", a exemplo,

provavelmente, do tamanho do pênis, revelando a centralidade do falo, do determinismo biológico e a hipervalorização do órgão genital na constituição do projeto "homem de verdade". Além disso, o participante enfatizou a dificuldade na relação afetiva na paternidade, em que alguns garotos não procuram conversar com a figura paterna por receio de serem taxados de homossexuais.

Considera-se que a sexualidade é influenciada de formas distintas entre homens e mulheres, de modo que o homem desde a infância é condicionado a agir de forma fria e apática. Para provar essa virilidade, o adolescente do gênero masculino é impulsionado a ter relações sexuais prematuramente, para evidenciar sua masculinidade. Por outro lado, as meninas são incentivadas a se "preservarem", isto é, serem dóceis, emotivas, educadas e recatadas (GUBERT; MADUREIRA,2007). Assim, entende-se que o comportamento esperado por meninos enquanto adolescentes é o de não demonstrar determinados sentimentos, para não serem confundidos com homossexuais. Do mesmo modo, os meninos são estimulados a demonstrarem o comportamento prematuro de se relacionarem com meninas para que a heterossexualidade seja cumprida.

Ogun relatou que percebeu essa questão de demonstração de sentimentos por volta dos seus 6 ou 7 anos, quando na escola observou algumas de suas colegas chorando, mas não notou julgamento por parte dos seus colegas, diferentemente, quando meninos choravam, recebiam críticas e olhares julgadores:

> Aí eu me questionei, por que tem problema com homem chorar? (Ogun)

Com isso, ao final da fala, Ogun reflete e se questiona onde estava a problemática por trás das lágrimas de um homem. A fala desse aluno ainda levanta outro assunto, ao remeter a relação com o seu pai quando o abordou após assistir um filme:

> [...] uma vez depois de assistir um filme de terror fiquei com muito medo, e isso ficou comigo por alguns dias. Daí decidi falar com o meu pai que estava com medo e chorei muito. Ele me acolheu e me ajudou a superar. E hoje eu falo sobre como me sinto e choro se sentir vontade (Exú)

Este fragmento revelou a abertura dada pelo pai ao reconhecer os sentimentos do filho e com ele estabelecer uma relação de confiança, assim foi possível a normalização da troca afetiva, entre pai e filho, entre dois homens. Neste contexto, quando se pensa no desenvolvimento da criança enquanto ser social e emocional, as interações intrafamiliares são importantes nesse processo. A limitação ou inexistências das relações de presença e assistência prejudicam sua evolução (ALENCAR; MORAIS, 2017)

Ademais, ao pensar na troca afetiva relatada anteriormente por Exú, é possível refletir sobre o papel social do pai enquanto cuidador, tão comumente negligenciado.

> Não costuma está presente. Quando ele está presente causa essa estranheza. Ele é mais pra trabalhar, pra sustentar, enquanto a mulher fica com o papel de estar presente na vida da criança (Iemanjá).

Conforme Oliveira et al. (2022), o homem no exercício da paternidade ainda é percebido como provedor do lar, aquele que domina as relações extrafamiliares e não participa da criação dos filhos. Já a mulher é vista em funções domésticas e participante ativa na criação e educação dos filhos. Com o desenvolvimento de movimentos sociais e políticos o cenário vem se modificando lentamente, isso se dá em partes com a inserção da mulher no mercado de trabalho. Consequentemente, se insinua uma maior participação paterna no desenvolvimento infantil do filho, fator este que pode contribuir na autoestima e sentimento de pertencimento do filho.

Masculinidade negra e o racismo estrutural

A respeito da questão da masculinidade negra abordada no documentário, os participantes ressaltaram que no período escravocrata da história brasileira, as pessoas negras eram vistas como objetos e ressaltam o quão difícil é ser negro no Brasil, sendo um dos, participante negro, a sua fala vem carregada da experiência da negritude e consciência da dificuldade, ele diz reconhecer que ao homem negro exige-se uma demanda a mais em relação ao homem branco.

Esse ponto de vista se relaciona a uma realidade que demanda do homem negro esforço adicional relevante na concretização de suas metas e objetivos, quando comparada ao contexto do homem branco. Os participantes da discussão enveredam-se pelo questionamento ao paradigma meritocrático social, que equivocadamente ignora o desequilíbrio entre privilégios e oportunidades na construção desse homem negro. Essa reflexão é corroborada por Arruda, Bulhões e Santos (2022) quando argumentam que estamos em um cenário de transformação paulatina motivada pela questão das cotas raciais e das outras políticas afirmativas destinadas à população negra.

Não se deve realizar um estudo que verifique características das masculinidades sem considerar que o meio em que foram construídas possuem contexto escravocrata, formador da estrutura racista que a sociedade atual possui. A perspectiva que mostra desequilíbrio de privilégios e oportunidades entre homens brancos e negros se mostra importante variável e

gera resultados específicos sobre masculinidade negra neste trabalho. (GABRIEL; & TAVARAYAMA, 2021)

Em O Silêncio dos Homens (2019), um entrevistado fala que o ideal que buscava alcançar seria um ideal de homem branco. Carvalho e Barbosa (2020) referem existir uma dificuldade de aceitar a diferença desse padrão, sendo essa dificuldade ensinada ao homem negro; assim ele é pressionado para atingir o ideal de homem que é o homem branco e de cabelos claros. As implicações dessa construção não se limitam à construção da autoestima desse homem negro (DE CARVALHO; BARBOSA, 2020).

Pinho (2012) afirma que haveria dessa forma uma maneira social de lidar com o corpo negro, que se baseia no "uso" para que se satisfaça um desejo, em outras palavras, a fetichização. A genitália negra se insere nesse contexto, já que se espera dela que haja um tamanho superior a do homem branco e isto que caracteriza a masculinidade do seu portador (PINHO, 2012). Do contrário, a masculinidade do homem negro é anulada. Veiga (2019) constata que essa realidade dificulta o desenvolvimento e o aprofundamento de laços afetivos para esse homem negro, potencialmente comprometendo sua saúde mental ao afetar sua autoestima e ao gerar exclusão e sofrimento.

CONCLUSÃO

Pode-se dizer que a masculinidade, desde os estudos evolucionistas, vem sendo analisada a partir de modelos naturalistas que a interpretam enquanto um efeito biológico da formação humana, ou seja, foi percebida como puramente sexual-biológica, delimitada pela posse ou não de um objeto físico, a saber, o pênis. Com isso, foi se institucionalizando através dos discursos técnicos científicos, ora na sociedade, ora na academia, a concepção de que a personalidade e as ações sociais dos homens seriam delimitadas por sua aparelhagem física, e que a diferença entre os sexos era fruto de uma estrutura natural irrefutável.

Percebe-se a partir da fala dos participantes que a construção da identidade dos homens gira em torno de concepções hegemônicas de masculinidade. O homem enquanto provedor, que não pode expressar seus sentimentos, pois deve ser rígido para manter a postura de forte e racional, que não deve demonstrar seus medos. Neste contexto, a discussão entre os estudantes de ensino médio possibilitou enfatizar a dimensão social e histórica que está atrelada nesta construção identitária, trazendo a importância de discussões que possa proporcionar reflexões em torno das masculinidades e como estas se reverberam nas ações dos homens e suas relações inter e intrapessoais.

Entretanto, é necessário discussões como estas possam ser ampliadas para outras esferas e em outras fases da vida, incluindo o debate de gênero desde a infância até a vida adulta, seja nas escolas, em outros espaços, como os serviços de saúde, as universidades, para que masculinidades saudáveis sejam construídas, favorecendo não somente aos homens, mas a, todos os que de alguma forma são atingidos e/ou excluídos por não viverem a masculinidade hegemônica.

O estudo em questão apresenta algumas limitações, visto que foi realizado com um número bastante reduzido de participantes e dessa forma aponta para a necessidade de a academia assumir o seu papel e compromisso de transformação social ao implementar estudos em torno dessa realidade e contribuir para uma nova possibilidade do viver homem.

REFERÊNCIAS

ALENCAR, M. L.; MORAES, R. C. P. O impacto da figura paterna no desenvolvimento do indivíduo. **Psicologia-Saberes & Praticas**, n.1, v.1, 54-61, 2017. Disponível em: https://unifafibe.com.br/revistasonline/arquivos/psicologiasaberes&praticas/sumario/60/12122017145225.pdf. Acessado em 31 Março, 2023.

ANDRADE, M. M. **Introdução à Metodologia do Trabalho Científico**. 10. ed. São Paulo: Atlas, 2017.

ARRUDA, D. O.; BULHÕES, L. M. G.; SANTOS, C. O. A política de cotas raciais em concursos públicos: desafios em face da luta antirracista. **Serviço Social & Sociedade**, n. 145, p. 91-111, dez. 2022. Disponível em: https://doi.org/10.1590/0101-6628.294. Acesso em: 25 mar. 2023.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2015.

BOGÉA, A. F.; NUNES, I. M. L. Os discursos normativos de gênero configurando masculinidades no espaço escolar. Civitas - **Revista de Ciências Sociais** [online]. 2022, v. 22 [Acessado 30 março 2023], e41072. Disponível em: <https://doi.org/10.15448/1984-7289.2022.1.41072>. Epub 16 Dez 2022. ISSN 1984-7289. https://doi.org/10.15448/1984-7289.2022.1.41072.

BOLA, J. **Seja homem: a masculinidade desmascarada**. 2. ed. Santa Catarina: Dublinense, 2020. Tradução de: Rafael Spuldar.

CARVALHO, Y. D.; BARBOSA, F. J. A invisibilidade da beleza negra. *In*: **III Seminário Nacional de Sociologia - Distopias dos extremos: sociologias necessárias**. Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal de Sergipe, p. 1-19, 2020. Disponível em: https://ri.ufs.br/handle/riufs/13821. Acesso em: 25 mar. 2023.

CONNEL, R. Gênero e educação: Políticas da masculinidade. v. 20, n. 2. **Educação & Realidade**, 1995.Disponível em:https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/71725. Acesso em: 30 mar. 2023.
DE CASTRO, S. O papel das escolas no combate às masculinidades tóxicas. **APRENDER-Caderno de Filosofia e Psicologia da Educação**, n. 20, 2018.

FALCÃO, T.; MACEDO, T.; KURTZ, G. Conservadorismo e masculinidade tóxica na cultura gamer: uma aproximação a Magic: The Gathering. **MATRIZes**, v. 15, n. 2, p. 251-277, 2021.

GABRIEL, A. F.; TAVARAYAMA, R. Vidas Negras: o racismo estrutural, a inserção do negro na sociedade e a Lei nº 10.639/03. *In*: Extensão puc minas: da palavra à ação: esperançar, (com)partilhar e democratizar. **EXTENSÃO PUC MINAS**: da palavra à ação: esperançar, (com)partilhar e democratizar. Belo Horizonte: PUC-Minas, p. 217-233, 2021.

GUBERT, D.; MADUREIRA, V.; S. F. Iniciação sexual de homens adolescentes. **Ciência & Saúde Coletiva**, fev, 2007. Disponível em: https://www.scielosp.org/article/csc/2008.v13suppl2/2247-2256/#ModalArticles

HOOKS, Bell. **We Real Cool: black men and masculinity**. New York: Routledge, 2004

LEITE, I.; CASTRO, L. **O silêncio dos homens**. 29 de ago. de 2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=NRom49UVXCE&t=1s>. Acesso em 24 mar. 2023

MEAD, M. **Sexo e Temperamento**. 4. ed. New York: Pespectiva, 2009. Tradução de: Rosa Krausz. Disponível em: http://ea.fflch.usp.br/obra/sexo-e-temperamento-em-tres-sociedades-primitivas. Acesso em: 23 mar. 2023.

MESQUITA, Y. M.; Silva Corrêa, H. C. A. "Masculinidade Tóxica" em Questão: Uma Perspectiva Psicanalítica. **Revista Subjetividades**, v. 21, n. 1, 2021.

OLIVEIRA, M. A. S. et al. Papel paterno nas relações familiares: revisão integrativa. **Acta Paulista de Enfermagem** [online]. 2022, v. 35 [Acessado 31 Março 2023], eAPE0306345. Disponível em: <https://doi.org/10.37689/acta-ape/2022AO0306345 https://doi.org/10.37689/acta-ape/2022AO03063459>. Epub 06 Jun 2022. ISSN 1982-0194. https://doi.org/10.37689/acta-ape/2022AO0306345.

OLIVEIRA, M. A. S. et al. Implicações para homens do afastamento do(a) filho(a) devido medida protetiva de urgência. **Acta Paulista de Enfermagem** [online]. 2022, v. 35 [Acessado 31 março 2023], eAPE03427. Disponível em: <https://doi.org/10.37689/acta-ape/2022AO03427 https://doi.org/10.37689/acta-ape/2022AO034277>. Epub 09 Dez 2022. ISSN 1982-0194. https://doi.org/10.37689/acta-ape/2022AO03427.

OPAS, Organização Pan-Americana da saúde. **Ministério da Saúde**. Saúde e Sexualidade de Adolescentes, Brasília-DF, 2017. Disponível em: https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/saude_sexualidade_adolescente_construindo_equidade_sus.pdf Acessado em: 31 mar. 2023

ORANSKY, M.; FISHER, C. The development and validation of the meanings of adolescent masculinity scale. **Psychology of Men & Masculinity**, v. 10, n. 1, p. 57, 2009.

PINHO, O. **Race Fucker**: representações raciais na pornografia gay. **Cadernos Pagu**, n. 38, p. 159-195, jun. 2012. Disponível em: https://doi.org/10.1590/s0104-83332012000100006. Acesso em: 25 mar. 2023.

VEIGA, L. M. **Descolonizando a psicologia**: notas para uma Psicologia Preta. Fractal: **Revista de Psicologia**, v. 31, p. 244, 4 set. 2019. Disponível em: https://doi.org/10.22409/1984-0292/v31i_esp/29000. Acesso em: 25 mar. 2023.